

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

PATRICIA VARGAS

TAMARA DE MEIRA

**RETRATOS DECADENTISTAS: SIMILARIDADES ENTRE DES
ESSEINTES EDORIAN GRAY**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR

2017

PATRICIA VARGAS

TAMARA DE MEIRA

**RETRATOS DECADENTISTAS: SIMILARIDADES ENTRE DES ESSEINTES E
DORIAN GRAY**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em Letras
Português-Inglês, da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná, campus
Pato Branco.

Orientadora: Prof. Dr.^a Mirian Ruffini

PATO BRANCO

2017



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): PATRICIA VARGAS DE ANDRADE / TAMARA DE MEIRA

Título: **Retratos decadentistas: similaridades entre Des Esseintes e Dorian Gray.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
30 / 11 / 2017 pela comissão julgadora:

Prof.ª Dra. Mirian Ruffini – UTFPR Pato Branco
Presidente da Banca

Prof.ª Dra. Câmila Paula Camilotti – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.ª Dra. Marise Ribas Stankiewicz – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Dra. Claudia Marchese Winfield
CPF: N.º 1100334
Coordenadora do Curso de Letras em
Letras Português - Inglês
12111-90 - Câmpus Pato Branco

Prof.ª Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

À nossa querida orientada Professora Dra. Mirian Ruffini, que tanto nos ajudou para que esta pesquisa fosse concluída de forma satisfatória.

À nossa família, por todo suporte e estímulo depositados a nós nesse período de graduação e conclusão.

AGRADECIMENTOS

À minha colega Tamara Meira, que durante esses quatro anos de graduação foi minha companheira de trabalhos e também aceitou o desafio de fazer esta pesquisa.

À minha orientadora Prof.^a Dra. Mirian Ruffini pela disponibilidade em orientar esta pesquisa de uma maneira formidável e pelas ideias que enriqueceram a análise e fizeram-se fundamentais para a conclusão deste estudo.

A todos os professores da UTFPR, que contribuíram com a minha formação acadêmica, em especial, à Prof.^a Dra. Mariese Ribas Stankiewicz que foi minha coordenadora do Programa de iniciação a docência (PIBID) e nunca poupou esforços para me auxiliar em minha prática docente.

Ao meu namorado Vanderson, que sempre esteve ao meu lado me incentivando e apoiando nos momentos difíceis. Ao meu irmão Jorge, que, durante toda a minha vida, me incentivou a estudar.

E por fim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse concluir esta etapa em minha vida.

Patricia Vargas de Andrade

A Deus, por sua fidelidade e por me dar forças para superar as dificuldades em todos os momentos.

À minha colega Patricia Vargas pelo apoio e companheirismo durante toda a graduação, especialmente neste trabalho de conclusão.

À minha orientadora Prof.^a Dra. Mirian Ruffini por todo o incentivo e pelas várias correções e apontamentos que foram cruciais para a realização desta pesquisa.

Ao corpo docente da UTFPR, que foi fundamental para a minha formação, em especial às Professoras Dras. Camila Paula Camilloti e Mariese Ribas Stankiewicz por nos proporcionarem aprendizados durante nossa trajetória acadêmica e também por aceitarem contribuírem para o nosso trabalho conclusivo.

À minha família pelo apoio e amor incondicional. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta etapa de graduação.

Tamara de Meira

A finalidade da arte é, simplesmente,
criar um estudo da alma.

Oscar Wilde.

RESUMO

ANDRADE, Patricia Vargas de.; MEIRA, Tamara de. **Retratos decadentistas: similaridades entre Des Esseintes e Dorian Gray**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2017.

Os autores J.K. Huysmans e Oscar Wilde transpassaram em suas obras as influências recebidas pelos movimentos esteticistas e decadentistas; tais influências nortearam a configuração das personagens Des Esseintes e Dorian Gray. Este estudo tem relevância para uma análise mais abrangente das obras em questão, buscando a compreensão dos aspectos das personagens, objetivando retratar traços de semelhanças entre as personagens que abordem a supervalorização da imagem, do poder, do hedonismo, dentre outras nuances como a privação de sentimentos e o sentimento de reclusão. Através da análise das obras exploramos as relações dos autores com a sociedade do final de século XIX na Europa e as estéticas literárias dominantes, contemplando cada ponto de contato entre Dorian Gray e Des Esseintes, a respeito do dandismo, do hedonismo, do artificialismo, da vaidade, e da conduta social e moral.

Palavras Chaves: Decadentismo, Esteticismo, Dandismo, Hedonismo.

ABSTRACT

The authors J.K. Huysmans and Oscar Wilde transposed in their works the influences received by the Aesthetic and Decadentist movements, which guided the configuration of the characters Des Esseintes and Dorian Gray. This study has relevance for a more comprehensive analysis of the works in question, seeking to understand the aspects of the characters, aiming to portray traces of similarities between the characters that approach the overvaluation of the image, power, hedonism, among other nuances, such as deprivation of feelings and feeling of seclusion. Through the analysis of the works we explore the authors' relations with the society of the end of the nineteenth century in Europe and the dominant literary aesthetics, by contemplating every point of contact between Dorian Gray and Des Esseintes, about dandism, hedonism, artificialism, vanity, and social and moral conduct.

Key words: Decadentism, Aesthetics, Dandism, Hedonism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. ESTETAS DECADENTES: OSCAR WILDE E J.K HUYSMANS	14
1.1 Decadentismo	14
1.2 Esteticismo	17
1.3 A vida às avessas de Joris-Karl Huysmans	20
1.4 O retrato de um Dândi	21
2. ÀS AVESSAS E O RETRATO DE DORIAN GRAY: A INFLUÊNCIA	25
2.1 Literatura comparada.....	25
2.2 <i>Às avessas</i>	28
2.3 <i>O retrato de Dorian Gray</i>	30
3. O RETRATO DA ALMA DE DES ESSEINTES E DORIAN GRAY	35
3.1 A busca pelo belo	35
3.2 O reflexo do Narcisismo	36
3.3 Decadência: da reclusão ao aprisionamento	37
3.4 Obsessão e a fuga do tédio	38
3.5 Dorian e Des Esseintes em suas relações com as mulheres e a homossexualidade.....	39
3.6 Má conduta social e moral de Dorian e Des Esseintes.....	41
3.7 A atmosfera gótica e o luxo.....	43
3.8 O artificialismo e a recusa ao natural.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

A Europa no fim do século XIX estava em pleno processo da revolução industrial, período em que as máquinas tomaram o espaço do trabalho manual, resultando no desenvolvimento da tecnologia, das ciências e também da divisão social do trabalho. Por consequência dessa revolução, gerou-se o domínio da burguesia sobre a classe trabalhadora na sociedade do fim do século.

Em resposta a isso, alguns autores buscaram contrapor-se à burguesia, o que fez com que o século XIX ficasse marcado pelas lutas entre a arte burguesa e a arte sem fins lucrativos, lutas essas que objetivavam uma nova maneira de ver a arte. Essa conjuntura deu origem a uma revolução simbólica contra os ideais da arte burguesa. À vista disso, surgem as novas estéticas, o Decadentismo e o Esteticismo¹, nas quais, seus principais representantes são Joris-Karl Huysmans e Oscar Wilde.

O Decadentismo buscava uma forma de opor-se às ideias das estéticas vigentes da época, realistas e naturalistas, pois as incertezas da chegada do novo século exigiam mudanças. As principais características do Decadentismo são: o pessimismo, o tédio, a melancolia, o *spleen*² e o individualismo. Já o Esteticismo surgiu com o intuito de contrapor as ideologias burguesas, produzindo arte pela própria arte. Para os autores esteticistas, a beleza era primordial e através destas estéticas, nas quais o Belo era cultuado, irão surgir o dandismo e o hedonismo.

J.K. Huysmans, escritor parisiense, juntamente com Baudelaire, foi o precursor do Decadentismo na França; descontente com o Naturalismo e o Realismo, rompeu com tais estéticas. Huysmans, a partir de sua obra “Às avessas” (1884), declarou-se um autor decadente, abordando, em seus escritos, a temática do sombrio, do tédio e do individualismo. Ademais, o autor exibiu críticas de arte em sua obra, apresentando o artificialismo e a recusa do natural.

¹Os substantivos Decadentismo e Esteticismo são grafados respectivamente com a inicial maiúscula, já quando aparecem na forma de adjetivos, ex.: estética decadentista e esteticista, são mantidas as respectivas iniciais em grafia minúscula.

²Termo inglês que se refere originalmente a uma víscera glandular, vulgo “baço”, que tem a função de destruir os glóbulos vermelhos. Torna-se termo literário quando os poetas decadentistas da segunda metade do século XIX o tomam simbolicamente como a origem da destruição de algo mais intangível: a alegria de viver. Por outras palavras, esse órgão é tido como o responsável por todos os estados de melancolia ou estados mórbidos de languidez”. (CEIA, C. E-dicionário de termos literários, s/d., s/p.).

Oscar Wilde também é um autor fortemente associado pela crítica às estéticas decadentista e esteticista. O Irlandês era um dândi que ostentava sua beleza em plena era vitoriana, quando imperava o puritanismo. Porém, Wilde, contramão de sua época, em suas obras, abordava questões polêmicas, como por exemplo, a homossexualidade e a busca pelo prazer.

Tanto Huysmans quanto Wilde exerceram um papel fundamental para a literatura. Seus escritos demonstravam a importância da impressão estética, libertando a arte e a literatura da moral burguesa, afirmando que a arte devia ser feita em razão de si própria. Estes autores influenciaram e continuam influenciando diversos escritores e poetas de todo o mundo.

Neste trabalho, o *corpus* de análise utilizado inclui as obras: *O retrato de Dorian Gray* (1891) de Oscar Wilde e *Às avessas* (1884) de Joris-Karl Huysmans. Sobre o referido *corpus*, realizou-se uma análise literária das personagens protagonistas, Dorian Gray e Des Esseintes, buscando similaridades entre elas.

Ressalta-se nesse cenário, a influência recebida por Oscar Wilde de Huysmans e do movimento decadentista e esteticista na Europa e suas experiências de vida na constituição de sua personagem Dorian Gray.

Dorian é um jovem aristocrata, com uma beleza exuberante, que aos poucos foi se tornando uma pessoa egoísta e de má índole. O jovem demonstra mudanças em seu comportamento após ver o seu retrato feito pelo pintor Basil. Com manipulações realizadas por Lorde Henry, o belo rapaz se torna um narcisista, obcecado pela sua aparência e com o desejo de ser eternamente belo; tal conjuntura faz com que as ações da personagem reflitam alegoricamente a estética decadentista.

De maneira análoga, Des Esseintes é um jovem aristocrata e também apresenta as marcas da personagem do Decadentismo, como a nevrose, o tédio, *spleen* e o tênue limite entre o bem e o mal, pelo seu desejo de viver o Hedonismo.

Há nas obras muitos aspectos relevantes sobre o psiquismo das personagens. A título de ilustração, em *O retrato de Dorian Gray*, pode-se mencionar o forte poder de manipulação e de influência de Lorde Henry, bem como, as características narcisistas e o desejo intenso de ser jovem para sempre de Dorian Gray. Por sua vez, em *Às Avessas*, o aspecto mais marcante da psique de Des Esseintes é o desejo de reclusão, a fim de apreciar o belo, a arte e o artificial,

marcas também presentes na obra de Oscar Wilde e parte da sua outra estética, o movimento Esteticista.

As experiências vividas pelos autores e as influências recebidas pelos movimentos esteticista e decadentista nortearam a configuração das personagens. Destarte, Analisa-se também, no estudo ora apresentado, os elementos que conduziram as personagens a tão grande mudança de comportamento ao longo das respectivas narrativas; mudança que envolve a supervalorização da própria imagem, obsessão pelo prazer e a busca pelo poder.

Vale observar que alguns pesquisadores analisaram a semelhança entre as obras “O retrato de Dorian Gray” e “Às avessas”. É o caso da análise realizada por Jacob Isaacc Birer Junior que, em seu artigo intitulado *Estudo comparativo entre os romances Às avessas, de Huysmans e O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde* (2006), fez um estudo comparando os dois romances, à luz das teorias decadentistas e esteticistas. Também, Enéias Farias Tavares que em sua pesquisa “Esteticismo e Decadentismo nos dândis de Wilde e Huysmans: retratos de Des Esseintes e Dorian Gray” (2016) abrange as semelhanças do dandismo entre os dois protagonistas, enfocando as características formadoras de um dândi. Porém, não há uma pesquisa que faça uma análise aprofundada dos aspectos que compõe as personagens, buscando retratar cada ponto de contato entre ambas. Portanto, este estudo tem relevância para uma análise mais abrangente da constituição das *personas* das obras em questão, buscando a compreensão das similitudes e distinções existentes.

Com este estudo, objetiva-se analisar traços que retratem a supervalorização da imagem, do poder, e do viver pelo prazer – o hedonismo – dentre outras nuances como a privação de sentimentos em ambos os romances. Nesse sentido, pretende-se evidenciar os pontos de contato entre as obras elencadas: a arte, a descrição da beleza, os espaços internos, a relação com as mulheres, a homossexualidade e a má conduta social e moral; observando como tais componentes são personificados em Dorian Gray e Des Esseintes.

A verificação de tais aspectos e a análise comparativa da constituição das personagens serão conduzidas por meio da observação de suas descrições, relações, falas, bem como, a partir da verificação do dandismo, do hedonismo e da vaidade presentes nas obras.

Para tanto, cabe lembrar que o Esteticismo apresentava a beleza como componente essencial da produção artística e o Decadentismo, a isso, aliava a expressão do sentimento de finitude, a nostalgia de fim de século e, conseqüente, o isolamento dos indivíduos. Logo, as personagens elencadas nas duas obras, *Des Esseintes*, de Huysmans e *Dorian Gray*, de Oscar Wilde, exibem traços desses contextos, das respectivas estéticas e dos modos de vida, da perspectiva dos autores e de suas vivências em sociedade.

Em outras palavras, por meio deste estudo analisa-se literariamente *Dorian e Des Esseintes*, buscando as características em comum que relacionem experiências sociais, estéticas e valores individuais dos autores em tela com as suas personagens, de modo a explorar, também, as relações desses autores, Oscar Wilde e J.K Huysmans, com a sociedade do final de século XIX na Europa e com as estéticas literárias vigentes, o Esteticismo e o Decadentismo.

Ademais, este trabalho lança mão de uma pesquisa bibliográfica, à luz de algumas obras que norteiam a análise no desenvolvimento do tema proposto. Nesse sentido, o material obtido permite que a presente investigação tangencie a fortuna crítica produzida acerca das personagens, obras e autores em estudo, no sentido de assegurar maior lucidez à análise.

Com efeito, através de pesquisas feitas sobre *O retrato de Dorian Gray* e *Às Avestas* obteve-se o material para a produção do trabalho, no qual identifica-se a relação das experiências dos autores, seus contextos, suas estéticas com a constituição das personagens *Dorian Gray* e *Des Esseintes*.

No primeiro capítulo desta pesquisa, apresenta-se o contexto de vida dos dois autores, bem como explana-se as estéticas literárias que nortearam as obras analisadas. Em seguida, o segundo capítulo expõe a definição de literatura comparada e apresenta uma discussão acerca do enredo e das características das personagens. No terceiro e último capítulo deste trabalho, são analisados os aspectos similares entre *Dorian* e *Des Esseintes*.

Alguns dos trabalhos teóricos e críticos que fornecem suporte para a realização desta pesquisa são: *Quadros Literários Fin-De-Siècle*(2005) de Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina, a tese *A tradução da obra de Oscar Wilde para o português brasileiro: paratexto, e o Retrato de Dorian Gray*(2015) de Mirian Ruffini; *Às Avestas e a crítica de arte de J. - K. Huysmans* (2014) de Leandro Cardoso de Oliveira; *Literatura comparada* (2006) de Tânia Franco Carvalhal;

Expressão do decadentismo francês (2009) de Luiz Antonio Amaral. Entre outras obras consultadas, das quais as contribuições teóricas e críticas enriqueceram as análises feitas no trabalho.

1. ESTETAS DECADENTES: OSCAR WILDE E J.K HUYSMANS

Neste capítulo, relaciona-se o contexto de vida de Oscar Wilde e Joris-Karl Huysmans à sociedade europeia do final do século XIX. Também aborda-se as estéticas literárias dominantes nas obras dos presentes autores, o Esteticismo e o Decadentismo, pois tanto Wilde quanto Huysmans nortearam suas obras nessas estéticas.

1.1 Decadentismo

Por meio do contexto do final do século XIX, pode-se notar que as estéticas literárias que nortearam grande parte das obras de Oscar Wilde e J.K Huysmans foram o Decadentismo e o Esteticismo. Tais estéticas irrompem a partir da conjuntura material e simbólica elaborada no respectivo período histórico.

Muito se engana quem pensa que as transformações ocorridas no final do século XIX na França, decorrentes da revolução industrial, são somente de caráter tecnológico, uma vez que se desenvolvem novas linhas dentro das ciências humanas, como o surgimento da psicologia e sociologia. Dentre essas inovações, surge entre as correntes artísticas e literárias, o Decadentismo, que se configurou como uma linha contrária aos costumes morais e burgueses da época. O Decadentismo iniciou na França, como uma forma de contrapor ao Realismo e ao Naturalismo. Pode ser descrita como uma estética marcada pelo pessimismo e o subjetivismo e também, além de poder ser qualificada como o movimento precursor do Simbolismo.

Devido à repercussão da revolução industrial e da chegada do século XX, emerge no campo intelectual a negação do Positivismo, uma vez que a chegada do novo século trazia consigo incertezas e mudanças que se impuseram à epistemologia vigente.

Segundo Amaral (2009), apesar de Nietzsche ser considerado decadente, ele criticou o Decadentismo por ser semelhante ao ultrarromantismo, declarando que o Decadentismo nega a luz para afirmar a penumbra, a morbidez. Ainda de acordo com o autor sobre as críticas de Nietzsche:

Para ele, a Decadência é “algo mais” do que o apogeu de uma época. É o período histórico, em que todas as virtualidades, as potencialidades, as

contradições, as experiências foram desenvolvidas, reveladas e desnudadas plenamente. A decadência está ligada ao eterno retorno do mesmo – e “mais uma vez ainda”. É o período em que os valores de uma civilização estão realizados tão absolutamente que já não têm valor algum. Tornaram-se abstratos. É o período em que o indivíduo encontra-se morto porque a criação ou a inovação é impossível, dada a força da tradição e de sua banalização. É a sua desumanização. (AMARAL, 2009, p. 51).

Oscar Wilde e Huysmans são autores em busca de algo além de seu tempo, permitindo-se passar por mudanças em seus estilos e até mesmo na escrita literária, “O Decadentismo, segundo Charles Brunot não é uma escola, mas “um espírito de revolta””. (MORETTO, 1989, p. 31). Dessa maneira, fica clara a forma em que esses poetas se inserem, abrindo mão de valores atuais para dar lugar à construção de personagens insolentes. E, diante dessa nova perspectiva em que este movimento se destaca,

O Decadentismo torna-se uma nova época primitiva quando, tendo o artista renegado seus valores atuais está à procura de uma nova forma: daí o interesse pelos pré-rafaelitas, pelo “primitivismo” do Quattrocento, pelas tentativas do verso livre, pela sintaxe desconjuntada, pela temática popular; daí o desaparecimento da composição clássica, como nos quadros impressionistas. (MORETTO, 1989, p. 31).

O Decadentismo marcou um novo período na literatura, em que o indivíduo voltou-se para si mesmo, tomado pelo tédio, *spleen*, escuridão e pessimismo. O Decadentismo é o ápice do individualismo, por isso percebe-se essa característica tão presente em ambas as personagens, a reclusão, o estado de inconformidade com o presente resulta dessa estética predominante nos autores aqui tratados. É no Decadentismo que o eu adquire sua importância pura e, por conseguinte, a partir disso, também surge a vertente egocêntrica - plataforma que tanto Des Esseintes, quanto Dorian Gray participam em suas existências.

Finalmente o Decadentismo é um clima, é o extremo e exacerbado individualismo, mais acentuado do que o romântico, é um cansaço de quem vive os últimos tempos mas que, ampliando-se, ultrapassa seus limites históricos, derramando-se pelo século XX através das obras de Yeats, D’Annunzio, Pacoli, Malher, Thomas Mann, Joyce, Proust, Italo Svevo. (MORETTO, 1989, p. 33).

Surge uma solidão desconhecida, a reclusão torna-se tão necessária para descrever angústias e expressar as melancolias e, ainda, para tentar responder

às perguntas que, em outro momento, não seriam respondidas; isso porque é uma fase de fuga do presente para um estado de total prazer.

É o que se observa sobre o personagem de Huysmans, Des Esseintes, que está sempre em busca de uma satisfação interior, ultrapassando qualquer limite exterior que possa vir a ser uma barreira para o prazer, por isso, vê-se Des Esseintes entre devaneios e nevrose, em um total culto ao oculto, como aponta McGuinness (2011), na introdução da obra *Às Avestas*:

Os personagens de Huysmans, como observa Mandelstam, estão entre os mais sensíveis, do ponto de vista fisiológico, da literatura, e sua busca de paz e realização faz estragos, não só em seu espírito, como em seu corpo. No caso de Des Esseintes, a busca termina dentro de casa, o reduto final de privacidade que se alimenta de si mesma até nada mais restar. Com isso Des Esseintes tornou-se a figura decadentista exemplar: com a mente deteriorada por luxos fantásticos e o corpo arruinado por abusos, o último e doentio rebento de uma família outrora importante retira-se do século XIX – o “século americano”, como Des Esseintes e Huysmans o chamam – para construir sua própria fortaleza onírica. *Às Avestas* é a narrativa da obsessão. (MCGUINNESS, 2011, p. 39).

Os luxos fantásticos, aos quais o autor se refere, correspondem tanto a espaços e objetos de valor, quanto às fantasias que se buscava diante do belo e do novo.

A ação, encontrada em ambos os autores, de trazer à tona personagens enigmáticos pode ser resultado de uma tentativa de mostrar que tanto Dorian Gray quanto Des Esseintes descobriram o segredo ou o caminho para um prazer que parecia ser inalcançável para outros autores da época. Assim, a estética decadentista torna-se primordial para o desenvolvimento de uma revolta, de um desejo por algo novo, para a sociedade do século XIX e para as próximas gerações.

A estética do Decadentismo também traz à tona o dandismo. De acordo com Charles Baudelaire o dândi é o homem rico que se dedica ao ócio, o homem criado no luxo e elegante. Para o autor, esses seres não têm outra ocupação a não ser a de cultivar a ideia do belo em sua pessoa, de satisfazer as suas paixões, de sentir e de pensar. (BAUDELAIRE; BALZAC; D' AUREVILLY, 2012, p. 14). Des Esseintes e Dorian Gray são exemplos de verdadeiros dândis, belos, excêntricos, buscando sempre a elegância. D' Aurevilly também define o dandismo como:

Isso é quase tão difícil de descrever quanto de definir. Os espíritos que só veem as coisas pelo lado menor imaginaram que o dandismo era sobretudo a arte da aparência, uma feliz e audaciosa ditadura em matéria de toalete e de elegância exterior. Muito certamente é isso também, mas é muito mais.

O dandismo é toda uma maneira de ser que não se resume ao aspecto materialmente visível. É uma maneira de ser inteiramente composta de nuances, como sempre acontece nas sociedades muito antigas e muito civilizadas nas quais a comédia torna-se bastante rara e a convenção triunfa ao preço do tédio. (BAUDELAIRE; BALZAC; D' AUREVILLY, 2012, p. 130).

A famosa personagem de Huysmans era um perfeito exemplo de dândi. Como aponta Oliveira (2014), Des Esseintes a todo o momento estava em busca de uma satisfação pessoal, pois apesar de viver isoladamente, sempre cultuou a vida como exemplo do belo, sendo que o seu egocentrismo era a fugacidade do seu tédio.

Semelhantemente, na personagem de Dorian, de Wilde, o dandismo sempre esteve explícito, visto que o jovem tornou-se obcecado pela beleza, a ponto de desejar nunca envelhecer. Dorian supervalorizava sua imagem, estava sempre em busca do prazer, como podemos ver no seguinte excerto:

Em verdade, para ele a vida era a primeira e a maior das artes, a arte para qual todas as outras serviam de preparação. A moda, que por breve espaço dá a uma fantasia uso universal, o dandismo, que é a seu modo uma tentativa de afirmar o modernismo absoluto da beleza, exerciam sobre Dorian uma fascinação bem compreensível. O seu modo de vestir e as maneiras peculiares que afetava de quando em quando influenciavam acentuadamente a mocidade dos bailes de Mayfair e dos clubes de Pall Mall, que o seguia em tudo e tentava imitar o encanto inimitável dos seus requintes de elegância, aos quais ele não prestava senão uma atenção muito relativa. (WILDE, 2004, p. 113).

Através do estudo sobre a biografia de Huysmans e Wilde, verifica-se a vasta proximidade entre os dois autores, como por exemplo, quando toma-se como parâmetro de comparação, a relação dos referidos autores com a sociedade do final do século XIX e com a literatura. Também a total influência recebida pelas estéticas do Decadentismo e do Esteticismo, que presidiram grande parte de suas obras literárias. Diante disso, percebe-se em seus personagens Dorian e Des Esseintes características decorrentes desse cenário, as quais serão aprofundadas no segundo capítulo deste trabalho.

1.2 Esteticismo

O Esteticismo foi um movimento que teve início no século XIX, em um momento, no qual, tudo estava ligado à cultura burguesa. Assim como a literatura, a

obra de arte começava a ter um valor comercial. A burguesia tentava se apropriar do belo para conquistar status e poder aquisitivo. Surge, então, uma redoma de estetas, prontos a protegerem a “arte pela arte”, tornando-se indiferentes à ideologia burguesa e comercial:

Na condição de estética, o esteticismo apresenta-se como radical reação à crescente racionalização que ocorreu com ascensão da burguesia, acarretado o sistema econômico capitalista. (MUCCI, *apud* COUTINHO; CORRÊA, 2004, p. 16).

[...] os verdadeiros estetas – morrem por seu ideal da arte pela arte, cumprindo o primeiro aforismo de Hipócrates, traduzindo em latim por *ars longa, vitabrevis*, que na clave puramente esteta, significa ser a arte mais ampla do que a própria vida. (MUCCI, *apud* COUTINHO; CORRÊA 2004, p. 15).

De acordo com Mucci (*apud* COUTINHO; CORRÊA, 2004, p.15), os autores estetas valorizam a estética muito mais do que conceitos pré-estabelecidos pela sociedade, eles “abrigam cuidadosamente uma essência, uma alma, uma flama, [...]”. Essência essa, que muitos escritores defenderam; como é o caso de “[...]”, Edgar Alan Poe (1809 – 1849), Charles Baudelaire (1821 – 1867), Joris-Karl Huysmans (1848 – 1907) e Oscar Wilde (1854 – 1900) [...]” (MUCCI *apud* COUTINHO; CORRÊA, 2004, p. 17). Esses autores tiveram como precursor, o inglês Walter Horatio Pater, considerado “fundador, na literatura inglesa, do Esteticismo” (MUCCI *apud* COUTINHO; CORRÊA, 2004, p. 17). Pater não influenciou apenas sua geração, mas muitos escritores dos séculos seguintes, mantendo sua ideologia de que o conceito de beleza é relativo e qualquer tentativa de explicá-la ou “emoldurá-la” é falha, somente a reação do crítico diante do belo é válida.

Além de Walter Pater, John Ruskin (1819-1900) teve um papel fundamental no Esteticismo. Ruskin foi um crítico de arte, arquiteto e precursor das ideias esteticistas na arquitetura. De acordo com Nassar (2011, *apud* RUFFINI, 2015, p.97), Ruskin, diferentemente de Pater, defendia que a arte e a ética são indissociáveis, em razão de a arte possuir o objetivo de elevar a moral e o espírito. Ainda nessa linha de pensamento, Amaral (2005, p. 39) afirma que:

Para Ruskin, tudo o que existe na natureza (homens, animais, vegetais, minerais ou qualquer outro elemento) possui uma forma. Sejam quais forem esses elementos, essa forma será sempre dotada de uma parte material e outra espiritual, que chamou de alma.

Ruskin em todas as paisagens procurou ver o belo e ficou conhecido como o primeiro crítico de arte a relacionar as manifestações artísticas à sociedade e à realidade. Também foi um representante do Esteticismo pré-rafaelita, que objetivava devolver à arte a sua pureza e honestidade, anteriores da idade média. O nome pré-rafaelita se dá pelo fato de que seus representantes buscavam inspiração nos pintores e nas obras anteriores a Rafael, renomado pintor renascentista.

Huysmans e Wilde beberam dessa ideologia e representaram, em suas obras, que aqui são analisadas, essa estética; a qual exprime que a vida diante da arte não tem valor, pois a arte é tudo em si mesma. Para eles, a beleza deve ser apreciada e sugerida, em nenhum momento, secundária ou objeto de sentimentos.

O Decadentismo e Esteticismo estiveram lado a lado neste momento finissecular, abrindo espaço para que os estetas-decadentes aqui analisados pudessem ser protagonistas em meio à ascensão da burguesia. Dessa maneira, os referidos autores tornam-se radicais em busca da valorização da arte como beleza fundamental. “Decadentismo e Esteticismo fundiram-se num amálgama fatal, tornando-se a decadência o signo privilegiado do Esteticismo, avesso ao progresso da sociedade filistéia [sic] da segunda metade do século XIX”. (MUCCI, *apud* COUTINHO; CORRÊA, 2004, p. 17).

Wilde e Huysmans são escritores ligados entre si, foram escritores finisseculares, suas estéticas foram o Decadentismo e o Esteticismo, ambos consideravam a estética acima de qualquer coisa e eram hedonistas, pois cultuavam o belo. Wilde demonstra ter se inspirado em Huysmans na sua obra *O retrato de Dorian Gray*, no qual o personagem Dorian lê o livro *Às avessas*. O narrador de Wilde fala sobre o livro de Huysmans em seu romance:

Era um romance sem trama e com apenas um personagem, sendo de fato, simplesmente um estudo psicológico de certo jovem parisiense que passou sua vida tentando realizar, no século 19, todas as paixões e modos de pensamento que pertenciam a todos os séculos menos o dele, e para concentrar em si mesmo, como eram, os vários climas pelos quais o espírito do mundo passara, enamorado pela simples artificialidade aquelas renúncias que os homens imbecilmente chamara de virtude, tanto quanto as rebeliões naturais que os sábios ainda chamam de pecado. O estilo em que foi escrito era aquele curioso e rebuscado estilo, vívido e obscuro de uma só vez, cheio de gírias e arcaísmos, de expressões técnicas e de elaboradas paráfrases que caracterizava o trabalho de alguns dos melhores artistas da escola francesa dos *Décadents*. Havia metáforas tão monstruosas quanto orquídeas e tão más quanto todas as cores. A vida dos sentidos era descrita em termos de filosofia mística. Mal se podia saber, às vezes, se lia sobre êxtase espiritual de um algum santo medieval ou sobre as mórbidas

confissões de um pecador contemporâneo. Era um livro venenoso. (WILDE, 2012, p. 83).

De acordo com Rodrigues (2009), a personagem Des Esseintes também influencia a construção da personagem Lorde Henry Wotton, de Wilde. Já Tavares (2016) pondera que após Baudelaire, Huysmans e Wilde estabeleceram a imagem do dândi para as gerações seguintes.

Uma semelhança importante entre os dois autores decadentistas é que ambos não tinham bom relacionamento com mulheres. Wilde chegou a casar-se, no entanto, seu casamento não foi bem-sucedido. Huysmans também foi infeliz em seu relacionamento. Acredita-se que isso ocorreu em decorrência da influência do Dandismo, visto que para o dândi, as mulheres são seu oposto. Como pode-se ver no seguinte trecho:

O gosto pelo belo e a preocupação estética aliam-se à escolha do artificial em detrimento do natural, como aparece no *Éloge dum aquilage*, de Baudelaire, que dissocia arte e natureza:” Quem se atreveria a atribuir à arte a função estéril de imitar a natureza?” Assim, para o *dandy*, nada mas execrável que a natureza. E a mulher, como representante clássica dessa natureza reprodutora e servil, será o anti-*dandy*. (CATHARINA, 2005, p. 92).

Ainda Catharina (2005, p. 92) cita as palavras de Baudelaire referentes às mulheres:

A mulher é o oposto do Dândi.
Deve pois nos causar repulsa.
A mulher tem fome e quer comer. Sede, e quer beber.
No cio, quer ser comida.
Que glória!
A mulher é natural, isto é abominável.
Por isso ela é sempre vulgar, ou seja o contrário do Dândi.

É impressionante como os dois autores são semelhantes em seus contextos vital e literário. A semelhança entre eles foi de extrema importância para a presente análise dos personagens.

1.3 A vida às avessas de Joris-Karl Huysmans

Durante o final do século XIX, a França passou por grandes transformações sociais e econômicas ocorridas no curso da revolução industrial. A grande maioria das pessoas, em meio a essas mudanças drásticas de sociedade, não

compreendiam como tudo estava se transformando. Nesse novo contexto social estava inserido Charles Marie Georges Huysmans. Joris-Karl Huysmans nasceu no dia 5 de fevereiro de 1848, em Paris. Era filho do pintor Victor-Godefroy-Jean Huysmans e de Elizabeth-Malvina Badin. Perdeu seu pai precocemente, quando tinha apenas oito anos de idade. Logo após a morte de seu pai, sua mãe, Elisabeth, casou-se novamente e teve duas filhas. Acredita-se que Huysmans não aborde, em suas obras, a figura paterna, pelo fato de ter perdido seu pai quando criança.

Huysmans estudou no Lycee Saint-Louis e, em 1866, recebeu seu título de bacharelado. Título que não o impedia de frequentar casas de prostituição. Durante um tempo, Huysmans manteve um relacionamento com uma atriz, porém a relação dos dois era conturbada e o casamento teve fim. De acordo com Vieira (2016, p.32):

As impressões amorosas recebidas por Huysmans ao longo de seus primeiros vinte anos de vida foram, para sua infelicidade, negativas e até mesmo traumáticas, uma vez que ele adquiriu certa repulsa pelo matrimônio, optando por viver sozinho até o fim da vida. Sua família foi abalada com o falecimento do pai; o segundo casamento de sua mãe fez com que ele se sentisse abandonado. Buscando companhia com prostitutas afundou-se ainda mais na solidão e, em sua primeira tentativa de um relacionamento convencional, viu sua união enfraquecer-se dia a dia até chegar ao fim. Não parece estranho que, como escritor, Huysmans tenha evitado as narrativas sobre famílias felizes, relações saudáveis, casamentos bem sucedidos.

Dentre suas produções é possível destacar três obras, como as mais conhecidas: *A rebours*, de 1884; *Là-bas*, de 1891; e *La cathédrale*, de 1898. Assim como Oscar Wilde se assemelha à sua personagem Dorian, Huysmans também apresenta afinidade com sua personagem Jean DesEsseintes de *Às Avestas*, obra que também segue analisada no capítulo II. Huysmans permaneceu sozinho durante toda sua vida, apenas dedicando-se a seu trabalho, da mesma forma que sua personagem.

1.4 O retrato de um Dândi

Oscar Fingal O' Flahertie Willis Wilde nasceu no dia 16 de outubro de 1854, em Dublin, na Irlanda. Filho de um renomado médico, *Sir William Wilde*, e de uma poetisa e escritora, Jane Francesca Elgee, defensora do movimento da independência irlandesa. A casa da família Wilde sempre foi frequentada por

grandes intelectuais e boêmios, amigos de *Sir William* e da *Senhora Jane*. De acordo com Pires (2005), vivendo nesse ambiente em que imperavam a vaidade e a ostentação, Oscar Wilde, desde cedo, começou a alimentar sentimentos de superioridade, pelo fato de o contexto familiar e social, em que ele estava inserido, ser de um padrão elevado, bem como pelo fato de sua mãe sempre instigá-lo a ser superior aos outros.

Oscar Wilde era o segundo de três filhos entre *Sir William Wilde* e *Jane Francesca Elgee*. Seu irmão mais velho era o jornalista *William Wills Wilde*. A senhora *Jane Wilde*, quando estava grávida de Oscar, acreditava estar esperando uma menina, porém, após o nascimento, *Jane* teve uma decepção. Apenas na terceira gravidez, *Jane* teve uma menina, *Isola Francesca*. No entanto, com apenas dez anos de idade, *Isola* faleceu, em 1867. A morte da pequena *Isola* foi um acontecimento muito marcante para Oscar Wilde, que escreveu o poema "Requiescat" sobre a morte da irmã. Algo a destacar sobre essa ligação com a irmã é que trinta e três anos depois, quando Wilde morreu em um quarto de hotel, seus amigos, que estiveram nos últimos momentos de sua vida, encontraram, em seus pertences, um pequeno envelope contendo uma mecha do cabelo de *Isola*.

Wilde pertencia a uma família um tanto complexa. Seu pai teve três filhos ilegítimos, cujo nascimento antecedeu seu casamento com *Jane* – *Henry*, *Emily* e *Mary*. Essa complexidade familiar está tão presente na obra de Wilde quanto outros elementos como a homossexualidade e superioridade;

É nessa recorrente e quase obsessiva problemática da identidade que podemos identificar a origem de um dos principais temas da obra de Wilde: o do segredo familiar, pelo viés da ilegitimidade filial, e mais ainda o enigma vivo, inconfessável para a moral vitoriana, que representam os nascimentos fora do casamento. (SCHIFFER, 2010, p. 20).

Apesar da complexidade familiar, e considerando que Oscar Wilde incorporou muito de sua vida e experiência familiar em sua obra, para ele, “de todos os seres que povoaram a infância, foi sua mãe quem exerceu sobre ele a influência mais determinante” (SCHIFFER, 2010, p. 23). Embora a *Senhora Wilde* fosse uma mãe e esposa dedicada, sempre visando ao bem dos seus, não deixava de expor seu maior prazer – exibir-se diante da burguesia – especialmente para os artistas e intelectuais renomados da Irlanda. O engajamento político que Wilde teve desde cedo também foi resultado da admiração profunda por sua mãe, que sempre

demonstrou atenção à política e às questões de cunho social. Dessa maneira, tais situações explicam porque Wilde deu vida a personagens femininas com traços, muitas vezes, semelhantes aos de sua figura feminina mais admirável.

Desde pequeno, Wilde demonstrava não ser como os outros garotos, pois não se interessava por coisas que meninos faziam, demonstrava grande interesse pela literatura, pela arte e pela cultura, talvez por influência de seus pais. Estudou no Magdalen College, em Oxford (1874), onde começou a se destacar por seus poemas. Seus professores, John Ruskin, Walter Pater e Pentland Mahaffy, guiaram-no em sua trajetória inicial na literatura com a incorporação das estéticas e dos valores preconizados pelo Esteticismo e o Decadentismo. Assim, Wilde incorporou esses elementos estéticos em sua obra, bem como foi instigado por seu contexto de vida, o qual criticou, por meio de sua ironia e de seus brilhantes escritos literários.

Oscar Wilde destacou-se na sociedade londrina por sua ostentação de beleza, pela sua aparência impecável, por usar roupas extravagantes e casacos de veludo com um cravo na lapela.

Foi um dandy receptivo a todos os estímulos provenientes da vanguarda cultural europeia em geral. Seguiu a francesa em particular. Foi, todavia, diferente e o único que levou realmente a sério o Dandismo. A sua maneira de vestir exprimia empenho total, e o cravo verde, com conotação decorativa, tinha sobretudo um carácter confessional. (PIRES, 2005, p. 15).

Em 1884, casou-se com a atriz Constance Lloyd e teve dois filhos, Cyril e Vyvyan. A vida conjugal de Wilde começou a passar por turbulências muito cedo, tudo porque ele sempre colocou a aparência e a beleza acima de tudo, até mesmo acima de seus sentimentos. Por exemplo: ele era contra a gravidez, não porque não quisesse ter filhos, mas pelo que a gravidez causava no corpo das mulheres, uma vez que em sua visão a gravidez deformava a estética.

Se havia uma coisa que esse esteta não suportava – a ponto de lhe inspirar repulsa e desprezo – era não tanto a maternidade em si, mas a gravidez: causa principal, a seus olhos, do enfear progressivo do corpo feminino em razão da deformidade que impõe à silhueta. (SCHIFFER, 2010, p. 138)

Em 1890 Wilde escreveu seu único e conhecido romance *O retrato de Dorian Gray*, obra que é analisada no capítulo II deste trabalho. No ano em que seu romance foi publicado, conheceu Lorde Alfred Douglas, filho do Marquês de Queensberry; fato que mudou totalmente sua vida. Após surgirem boatos sobre um

suposto relacionamento com Lorde Alfred Douglas, sua vida entrou em decadência, pois a homossexualidade era proibida por lei na Inglaterra,

Oscar Wilde desde logo sentiu atracção [sic] por Douglas, devido às qualidades que este possuía: era jovem, belo, pertencia a uma família aristocrática e, embora com apenas vinte e um anos, queria ser poeta; escrevia sonetos, a forma poética que mais atraía Wilde, e que lhe deu fama entre os poetas menores. (PIRES, 2005, p. 18).

Por conta de uma denúncia do Marquês de Queensberry de que Oscar Wilde mantinha um relacionamento homoafetivo com Lorde Douglas, Wilde foi submetido a dois anos de prisão. Sua obra *O retrato de Dorian Gray* foi utilizada em seu julgamento, pois a conduta do jovem protagonista Dorian muito se assemelhava ao modo de vida do próprio autor. Após seu julgamento, seus livros foram retirados das livrarias e suas peças saíram de cartaz. Depois de dois anos de reclusão, Wilde saiu da prisão e adotou o pseudônimo de Sebastian Melmoth, mudou-se para Paris, onde ficou até o fim de sua vida.

2. ÀS AVESSAS E O RETRATO DE DORIAN GRAY: A INFLUÊNCIA

Este capítulo tem por objetivo a apresentação das teorias e da contextualização da literatura comparada. Em seguida, analisa-se o enredo e as características das principais personagens das obras já citadas no primeiro capítulo deste trabalho.

2.1 Literatura comparada

A literatura comparada está ligada a um sistema cosmopolita do século XIX e adquire sua importância em um momento no qual há o objetivo de descobrir novas áreas do conhecimento por meio de um sistema de comparação entre duas ou mais correntes de pensamentos.

Brunel, Pichois e Rousseau (1990) citam que a literatura comparada foi, de início, um meio escolar de apreciar a originalidade de cada literatura. Segundo Carvalhal (2006), a literatura comparada esteve muito presente na Europa, pois ela adquire mais popularidade na França, onde Noël e Laplace escreveram acerca dela e ajudaram a espalhá-la. Bem como Abel François Villemain que ocupou-se em disseminar essa expressão por todo o território francês. Além desses, outros autores cultivaram essa expressão e a divulgaram para que hoje ela fosse usada, como anota a autora:

Parece ter sido Abel-François Villemain quem se encarregou de divulgar a expressão, usando-a nos cursos sobre literatura do século XVIII que ministrou na Sorbonne em 1828-1829. Em sua obra *Panorama da literatura francesa do século XVIII*, emprega várias vezes não só a combinação "literatura comparada" como ainda "panoramas comparados", "estudos comparados" e "história comparada". Também J.-J. Ampère, em seu *Discurso sobre a história da poesia* (1830), refere-se à "história comparativa das artes e da literatura" e reemprega o termo no título da obra de 1841, *História da literatura francesa na Idade Média comparada às literaturas estrangeiras*. (CARVALHAL, 2006, p. 9-10).

Ainda, segundo Carvalhal (2006, p. 10), o exercício comparatista no que concerne à literatura, só se consolida a partir de Philarete Chasles que, por sua vez, contribuiu para que na França surgisse a "primeira cátedra de literatura comparada, em Lyon, em 1887, seguida pela criação de outra na Sorbonne, em 1910".

Segundo Nitrini (2000) a literatura comparatista teve sua origem a partir do surgimento de estudos sobre as literaturas grega e romana, pois havendo duas literaturas, começou-se a compará-las. No entanto, foi considerada uma disciplina acadêmica na Europa apenas no século XIX, quando os estudos comparatistas tiveram o seu ápice, ainda nas palavras de Nitrini:

[...] a visão cosmopolita do século XIX incentivou viagens e encontros entre grandes pensadores e intelectuais da época, tais como Mme. De Stael, Goethe e Sante-Beuve, entusiastas da necessidade de um contato frequente com as literaturas estrangeiras. Foi nesse clima que Abel Villemain, Jean-Jacques Ampère e Philarète Chasles iniciaram, respectivamente, em 1828, 1830 e 1835, o ensino de literatura comparada das universidades francesas. (NITRINI, 2000, p. 20).

Inicialmente a literatura comparada tinha o objetivo de relacionar duas ou mais literaturas diferentes, porém ao longo dos anos se tornou muito mais abrangente, não se tratando apenas da comparação entre obras:

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. (CARVALHAL, 2006, p. 07).

Carvalho (2006) observa que a literatura comparada não tem unicamente a finalidade de comparar, mas ela constitui um processo que faz parte da análise crítica das obras. Ou seja, a comparação não é o único objetivo dos estudos comparatistas, à medida que a abordagem também contribui com os estudos literários. Como aponta Nitrini (2000, p.24):

[...] como disciplina autônoma, a literatura comparada tem seu objeto e método próprios. O objeto é essencialmente o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, em que medida umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo. Propõe-se a estudar tudo o que passou de uma literatura para outra, exercendo uma ação, de variada natureza.

Ainda sobre a definição de literatura comparada, Carvalho (1991, p.11) diz que:

[...] Fica igualmente claro que comparar não é justapor ou sobrepor, mas é, sobretudo, indagar, formular questões que nos digam não somente sobre os elementos em jogo (o literário, o artístico), mas sobre o que os ampara. (o cultural, por extensão, o social).

Para a autora, o comparatista deve conhecer mais de uma área, principalmente, contemplar aquelas que irá relacionar em seus estudos, conhecendo as terminologias específicas. Hoje, a literatura comparada é uma disciplina que relaciona diversas áreas das ciências humanas, abrangendo não somente a literatura, mas também, a pintura, a música, a arquitetura e inúmeras áreas do conhecimento. Porém, sabe-se que seu principal objeto de estudo é a literatura.

Para fazer a análise, comparando ambas as obras *O Retrato de Dorian Gray* e *Às Avestas*, é necessário trazer à discussão um conceito importante para a construção desse trabalho; o conceito de influência, pois a influência está presente no decorrer das narrativas.

Com efeito, analisa-se que Oscar Wilde recebeu influências significativas de Joris-Karl Huysmans para que sua obra fosse edificada em muitos aspectos, dentre elas: a estética, a personalidade dos personagens e a caracterização dos ambientes. Ademais embora sejam histórias distintas, é perceptível a relação que Wilde e Huysmans mantêm diante do Esteticismo e o Decadentismo presentes nas obras.

Nitrini (2000, p. 127) apresenta que o conceito de influência possui duas significações essenciais:

A primeira, a mais recorrente, é a que indica a soma de relações de contato de qualquer espécie, que se pode estabelecer entre um emissor e um receptor. O estudo da influência de Goethe na França, por exemplo, compreende um capítulo dedicado às traduções francesas de sua obra, como outros sobre as imitações. Os contatos pessoais, as críticas e SOS estudos publicados na França sobre o autor. Nesse caso, pode-se admitir que a influência de Goethe é o mesmo que o total das relações de contato que se pode assimilar entre Goethe e a literatura francesa.

A primeira significação corresponde ao que se desenrola na relação entre Huysmans e Wilde, sendo Huysmans o emissor e Wilde o receptor das relações de contato que se estabelecem em sua obra. E, ainda, há a segunda significação apresentada por Nitrini, que revela também a influência como sendo qualitativa e autônoma. Conforme a autora (2000, p. 127):

A expressão “resultado autônomo” refere-se a uma obra literária produzida com a mesma independência e com os mesmos procedimentos difíceis de analisar, mas fáceis de se reconhecer intuitivamente, da obra literária em geral, ostentando personalidade própria, representando a arte literária e as demais características próprias de seu autor, mas na qual se reconhecem, ao mesmo tempo, num grau que pode variar consideravelmente, os indícios de contato entre seu autor e um outro, ou vários outros.

Essa segunda acepção também é reconhecida no contato entre os dois autores aqui analisados, pois Wilde, ao produzir, adquire o conhecimento “direto ou indireto” e torna-se autônomo de sua obra, acrescentando e inovando o que já fora escrito por outros, ou pelo autor aqui em comparação: Huysmans. O resultado é que sua independência revela o personagem Dorian Gray, tão enigmático quanto Des Esseintes de *Às Aversas*.

À luz das teorias comparatistas, analisa-se as obras, *Às Aversas*, da literatura francesa e *O retrato de Dorian Gray*, que marca a literatura de língua inglesa. Relacionando-as entre si, por meio de suas semelhanças e suas diferenças, pois apesar de seguirem as estéticas decadentistas e esteticistas, são literaturas distintas e os seus pontos de encontro e de divergência aparecem no entremeio das diversas influências, dos estilos e dos aspectos culturais.

2.2 *Às avessas*

O enredo de *Às avessas* é intrigante, pois seu tema abrange a arte, a decoração dos ambientes, a perfumaria, as flores, a religião e a literatura. O romance conta a história de Jean Des Esseintes, o último membro de sua aristocrática família. Des Esseintes era um jovem parisiense que sofria de uma doença chamada nevrose, também sofria do *spleen*, o mal do século. Estudava em escola jesuíta, porém tornou-se ateu. Desprezava a cultura da sociedade burguesa por achar estúpido o modo com que levavam a vida. À vista disso, ele preferiu o isolamento, deixou Paris e foi morar na pequena cidade de Fontenay. Mcguinness (2011, p. 51), em sua introdução ao texto de *Às avessas* fala a respeito de Des Esseintes.

Des Esseintes é uma espécie de homem comum “decadente”, mas é também um protótipo. Viveu a infância decadente clássica: uma mãe que passa a vida em quartos penumbrosos, com algum problema nervoso não especificado, morrendo sem um motivo claro. Há um pai ausente, um internato e uma vida familiar destituída de amor. Ficamos sabendo que Des Esseintes exauriram seu vigor em gerações de uniões consanguíneas e que o atual duque era o último da linhagem, a culminação de um longo processo de “degeneração”.

Após a personagem do duque Des Esseintes isolar-se, o romance toma um rumo mais descritivo, no qual Huysmans faz diversas críticas a obras de arte, por meio de seu protagonista. Des Esseintes materializa um mundo unicamente dele, extravagante e luxuoso, uma realidade que opere pelo princípio do prazer. Durante a obra ele demonstra preferir o artificial ao natural, deixando aparente que se trata de uma obra decadentista. *Às avessas* apresenta as características de uma nova estética, contrapondo-se à estética naturalista, da qual Huysmans já havia sido adepto:

A partir desses valores em contraponto com o Naturalismo, Huysmans elege a descrição do vestuário, mobiliário, flores e obras de arte, que passam para o primeiro plano do fazer literário em detrimento da narração e da argumentação. (CATHARINA, 2005, p. 35).

Des Esseintes passava o seu tempo refletindo sobre a arte, vivendo em um mundo artificial, rodeado pelo luxo. No entanto a sua saúde estava comprometida pelas crises de nevrose e o duque seria obrigado a sair do seu isolamento por recomendações médicas, como pode ser percebido no trecho a seguir:

E sem lhe dar tempo de respirar, declarou que cuidara do mais urgente ao restabelecer as funções digestivas, que era preciso agora atacar a nevrose, que de modo algum estava curada, e que ele necessitaria anos de regime e de cuidados. Acrescentou enfim que antes de tentar qualquer remédio, antes de começar qualquer tratamento hidroterápico, impossível de ser realizado aliás em Fontenay, era mister abandonar aquela solidão, voltar a Paris, reingressar na vida comum, tratar de distrair-se como os outros. (HUYSMANS, 2011, p. 278).

O duque, porém, tentou argumentar com seu médico que nada prova que pessoas que vivem solitárias tornam-se doentes. No entanto, seus argumentos não foram aceitos pelo doutor, que determinou que Des Esseintes mudasse para Paris novamente.

O enredo de *Às avessas* é um enredo sem ação, sem linearidade, em que os espaços e ambientes são detalhadamente descritos. A obra permite ao leitor conhecer sobre a pintura de Gustave Moreau, de Odilon Redon, de Jan Luyken e Redolphe Bresedin. Também pode-se perceber, na obra, referências a obras literárias de Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire, assim como através das análises críticas de Des Esseintes, a personagem oferece ao leitor contato com Mallamé, Villiers, Verlaine, Corbière, Edmond de Goncourt, Flaubert, Voltaire, Rousseau e

Molière. Sem dúvida, *Às avessas* está repleta de informações sobre pintura, decoração, literatura, arte e cultura.

2.3 O retrato de Dorian Gray

O romance de Oscar Wilde tornou-se muito conhecido por abordar a homossexualidade em um período conservador, no fim do século XIX. Pode-se dizer que o enredo da obra chocou a sociedade, pois trouxe à tona várias questões polêmicas para época. De acordo com o autor:

[...] foi a seu próprio “risco”, para retomar sua expressão, que Wilde concebeu *O retrato*, a julgar pelas reações hostis que o livro provocou nos críticos ingleses. Os representantes da elite vitoriana, a qual tinha deplorável tendência de julgar as obras de arte apenas segundo seus próprios conceitos morais não se enganaram a remeter o romance que iluminou esse fim de século aos decadentistas franceses, contra os quais sentiam a mais viva aversão. (SCHIFFER, 2010, p. 151).

Wilde foi intensamente transformado em alvo dos críticos dos jornais ingleses. Essa desaprovação que ele sofrera, mais tarde, contribuiu para o seu julgamento, quando foi denunciado pelo Marquês de Queensberry. Schiffer (2010), em sua biografia de Oscar Wilde, cita algumas críticas feitas pelos jornais *The Daily Chronicle*, *The St. James's Gazette* e *The Scots Observer* ao *O retrato de Dorian Gray*. O seguinte trecho é parte de uma análise da obra feita pelo jornal *The Daily Chronicle*:

Trata-se de uma narrativa criada pela literatura leprosa dos decadentes franceses, um livro venenoso cuja atmosfera exala odores mefíticos de podridão moral e espiritual – um estudo malicioso da corrupção moral e física de um jovem belo e brilhante que, não fosse sua frivolidade efeminada, poderia ter sido horrível e fascinante. (SCHIFFER, 2010, p.152).

Por ter se inspirado no Decadentismo Francês, Wilde também sofreu críticas e ataques dos ingleses. Ele muito se identificava com Huysmans, pois também recusava as estéticas realistas e naturalistas, optando pelo Decadentismo e Simbolismo,

Nesse livro, cuja filosofia estava implicitamente resumida em “O crítico como artista”, Wilde recusa o realismo de Dickens e o naturalismo de Zola em matéria de literatura, preferindo a ambos – ainda adepto do idealismo grego

– o romantismo, de que o simbolismo representava a seus olhos a própria essência da criação artística. Dali a se voltar para o Decadentismo de Baudelaire e de Huysmans foi um pulo que o estetismo de Wilde, sempre tão revolucionário em seu posicionamento, deu de maneira alegre. (SCHIFFER, 2010, p. 150).

Ainda de acordo com Schiffer (2010), o primeiro romance de Wilde não foi escrito por acaso, e sim encomendado pelo editor Americano J.M. Stoddart. O editor pediu para que Wilde o escrevesse para publicá-lo no periódico *Lippincott's Monthly Magazine*.

O enredo de *O retrato de Dorian Gray* revela densidade, mudanças repentinas no que diz respeito ao caráter e ao aspecto psicológico das personagens. Nessa narrativa, a personagem Dorian Gray, um aristocrata da sociedade inglesa, fora um rapaz inocente até ser inserido na alta sociedade londrina, ou seja, fora um rapaz de atitudes gentis, generoso e de personalidade cativante antes de passar por mudanças drásticas em seu comportamento; Dorian conhece o pintor Basil Hallward, que, por sua vez, encanta-se pela beleza de Dorian e por seu caráter afável. Basil passa a admirar o jovem de uma maneira tão intensa que resolve retratar sua beleza em uma de suas pinturas. Percebe-se o quanto a presença de Dorian causava um deslumbramento em Basil, marcada no seguinte trecho em que ele fala sobre Dorian para Lorde Henry:

Voltei-me e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando os nossos olhos se cruzaram, senti que empalidecia. Dominou-me uma curiosa sensação de medo. Pressenti que me encontrava face a face com alguém cuja simples personalidade era tão fascinante, que, se eu me deixasse atrair, poderia absorver-me inteiramente, absorver-me a alma e até a arte. Não admito nenhuma influência exterior na minha vida. Sabe perfeitamente, Harry, que sou independente por natureza; sempre fui senhor de mim mesmo...Pelo menos, até conhecer Dorian Gray. (WILDE, 2004, p. 19).

Basil admite profunda admiração por Dorian Gray e expressa isso a Lorde Henry que por tantos elogios feitos por Basil, passa a ficar intrigado para conhecer o rapaz. E Basil, mesmo relutando para não dizer o nome e esconder a figura de Dorian Gray, é pressionado e rende-se à perspicácia de Lorde Henry. Basil temia e presumia que se Henry conhecesse Dorian poderia influenciá-lo. De modo que o jovem perderia a essência que tanto atraía Basil e daria sentido à sua arte. É o que pode-se perceber no excerto a seguir:

Tem uma personalidade simples e bela. A sua tia tinha razão no que disse sobre ele. Não o estrague. Não tente influenciá-lo. A sua influência seria ruim. O mundo é grande e há muita gente maravilhosa nele. Não tire de mim a única pessoa que dá à minha arte seu encantamento, seja ele qual for: a minha vida como artista depende dele. Lembre-se, eu confio em você. (WILDE, 2012, p. 21-22).

O elegante dândi, ao ver Dorian pela primeira vez, sente uma atração pelo rapaz e o olha com certo encantamento pela sua demasiada beleza:

Lorde Henry olhou com mais atenção o seu jovem interlocutor. Achava-o realmente belo, com os lábios finos e vermelhos, os olhos azuis de expressão franca, os cabelos crespos e dourados. A sua fisionomia tinha qualquer coisa que logo inspirava confiança. Lia-se nela toda a candura da mocidade e, ao mesmo tempo, a pureza de uma alma apaixonada. Sentia-se que ainda não o maculara a torpeza do mundo. Não admirava que Basil o adorasse. (WILDE, 2004, p.26-27).

Lorde Henry é um dândi astuto, hedonista e ao se deparar com a beleza de Dorian passa a ter interesse pelo rapaz e, com sua perspicácia o corrompe. Dorian sofre uma mudança de personalidade ao conhecer Lorde Henry Wotton, a partir do primeiro encontro entre os dois, no estúdio de pintura de Basil.

O jovem rapaz também sente atração pelas coisas que Lorde Henry fala e também ao mesmo tempo sente medo e necessidade de conhecê-lo melhor. Acredita-se que a influência de Henry sobre Dorian o tornou um hedonista, uma vez que Lorde Henry via a beleza acima de qualquer coisa, algo que fica claro, quando exprime sua opinião em relação à beleza:

Considero a Beleza a maravilha das maravilhas. Só os fúteis não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, e não o invisível. Sim, Mr. Gray, os deuses foram-lhe favoráveis. Mas os deuses dão agora, para tirar depois. O senhor tem tão-somente alguns anos para poder viver a vida em real plenitude. Quando a mocidade se for, com ela irá a sua beleza, e, então, cedo descobrirá que não lhe restaram êxitos, ou terá que se contentar com os êxitos insignificantes, que a lembrança do passado tornará mais amargos do que às derrotas. À medida que os meses vão minguando, eles vão-no aproximando de algo terrível. O tempo tem ciúmes de si, e faz guerra à primavera dos seus anos. Então, ficará com a pele macilenta, as faces encovadas e o olhar mortiço. Irá sofrer tormentos... Ah! Tome plena consciência da sua juventude enquanto a possuir. Não esbanje o ouro dos seus dias a dar ouvidos a gente maçadora que tenta aproveitar o fracasso irremediável, nem perca o seu tempo com os ignorantes, os medíocres e os boçais. São esses os objectivos [sic] doentios, os falsos ideais dos nossos dias. Viva, viva a vida maravilhosa que existe em si! Não desperdice nenhuma oportunidade, procure sempre novas sensações. Não tenha medo de nada... (WILDE, 2000, p.18).

Dorian e Lorde Henry tornam-se amigos e juntamente com essa amizade o lado fútil de Dorian passa a se sobressair. Lorde Henry, com seus conselhos maquiavélicos e intimidadores, conduz Dorian Gray a um caminho totalmente destrutivo para seu caráter e Dorian passa a valorizar muito mais sua aparência a tal ponto de querer imortalizar a si próprio. O protagonista começa a entrar em decadência, visto que o belo atinge um grau superior à moral; seus valores e anseios mudam de trajetória e todo o amargor de sua personalidade, seus desvios de caráter e maldades acabam sendo transferidos para um retrato de Dorian, que Basil pintara.

Dorian conhece Sibyl Vane, uma atriz sem classe, pouco reconhecida, mas seu desempenho é visto por Dorian, que acaba por se encantar e se apaixonar pela moça. Após se declarar para Sibyl, o rapaz tem o amor correspondido. Entretanto, Dorian necessita da concordância de seus amigos Lorde Henry e Basil, então, convida-os para assistir uma peça que Vane iria apresentar, “Quero que você e Basil venham comigo numa noite para vê-la atuar. Não tenho o menor receio do resultado. Vocês certamente conhecerão a grandeza dela” (WILDE, 2012, p. 68).

Mas, na noite em que Basil e Henry foram assisti-la, Vane, com uma atuação de má qualidade, expressa suas falas de forma diferente e inferior a que costumava se apresentar, causando assim mais indiferença da parte dos amigos de Dorian. Dorian, por sua vez, fica indignado com o desempenho da amada, pede desculpas a Henry e Basil e a trata de maneira estúpida e ignorante, “Você está doente, imagino. Quando estiver doente não deve representar. Você fica ridícula. Os meus amigos se entediaram. Eu me entediei.” (WILDE, 2012, p. 103). Em seguida, Dorian Gray recebe a notícia da morte de Sibyl, pois ela tirara a própria vida. Dorian fica atordoado com a notícia, porém Lorde Henry o induz a não se envolver no inquérito, pois isso não seria bom para a moral do rapaz.

Consciente de que suas ações hedonistas e egoístas refletiam apenas sobre a imagem do retrato pintado por Basil, Dorian continua se entregando totalmente aos prazeres sem qualquer limite. O tempo passa para todos, exceto para Dorian, enquanto que a pintura feita por Basil transparece a velhice e a crueldade de Dorian Gray:

No entanto ele observava, com o belo rosto desfigurado e o sorriso cruel. O cabelo lustroso brilhava sob o sol da manhã. Seus olhos azuis encontraram com os dele. Um sentimento de pesar intenso, não por ele, mas por sua

imagem pintada, o invadiu. Já tinha se alterado, e se alteraria mais. O dourado degradaria para o cinzento. As rosas vermelhas e brancas morreriam. Para cada pecado que ele cometesse, uma mancha marcaria e arruinaria sua beleza. (WILDE, 2012, p. 109).

Dorian Gray torna-se escravo de seus prazeres, de sua conduta deformada. E, a cada etapa, torna-se ainda mais difícil de esconder o segredo, já que sua tão admirável beleza permanece. Contudo, Dorian percebe que seria impossível permanecer com um segredo tão assustador. Ele não suporta o peso de tantas mentiras, de maneira que a vida prazerosa não sacia mais sua alma e sua carne. Até que, por fim, Dorian Gray comete a maior atrocidade, assassinando um de seus melhores amigos.

Oscar Wilde revela, no enredo do romance, a mudança gritante na personalidade de sua personagem principal e, por conseguinte, a decadência que a alma humana é capaz de atingir.

3. O RETRATO DA ALMA DE DES ESSEINTES E DORIAN GRAY

Neste capítulo, após a apresentação e análise das estéticas literárias utilizadas pelos autores, as características de Wilde e Huysmans e, o enredo de suas obras, analisa-se, a seguir, as similaridades entre Dorian Gray e Des Esseintes.

3.1 A busca pelo belo

Como já mencionado, Dorian demonstra mudanças em seu comportamento depois de ter seu retrato feito pelo pintor Basil e após ser influenciado por Lorde Henry. Gray tinha como um livro de cabeceira *Às Avestas* de J.K. Huysmans, uma novela que parece conter a história do próprio Dorian que ansiava por seu próprio prazer. O protagonista do trabalho, como já fora exposto, é Des Esseintes, que sofre nevrose e decide afastar-se da sociedade e viver em um mundo de sonhos. O jovem Des Esseintes era claramente uma influência para Dorian, pois Dorian estava absorto no livro que tinha sido enviado por Lorde Henry. Em *O retrato de Dorian Gray*, a personagem Dorian define *Às Avestas* como um livro venenoso, o livro mais estranho que já leu. Oliveira (2014) em seu artigo "Avvenes e o crítico de arte de J.-K. Huysmans" define o personagem Des Esseintes:

O ideal danteano é então levado ao extremo e limita o paradoxal. O personagem procura, de várias maneiras, sempre satisfação pessoal e fuga do tédio, elaborando as mais variadas excentricidades. Isso, no entanto, serve apenas para o próprio contentamento, e não para uma audiência. Embora distante da vida pública, Des Esseintes é um exemplo perfeito do Dandy, que tem cultivado sua própria vida como um exemplo de Belo, distanciando-se do tédio que o levou e das crises de neurose que sofreu (OLIVEIRA, 2014, pág. 173).

Essa forte inclinação artística, a aproximação entre belo e "fuga do tédio" também estão presentes em Dorian e revelam a decadência do século no decorrer do romance. Dorian, a partir do momento em que recebe seu retrato de Basil, passa a se tornar um narcisista, obcecado por sua beleza e com o desejo de ser eternamente belo,

O retrato reflete agora não tanto o que Dorian é senão o que Dorian deixará de ser. Daí que o narcisismo ferido de Gray sinta a necessidade de trocar os papéis com seu retrato. E então expressa o desejo de seguir sendo eternamente jovem. (KALINA, KOVADLOFF, 1989, p.43).

Percebe-se, então, que a estética predominante da época é vista em Dorian e Des Esseintes, personagens aqui analisadas. Esse é um ponto similar em ambos os personagens, a insaciável busca pela transcendência de tudo que é belo.

3.2 O reflexo do Narcisismo

Dorian e Des Esseintes possuem características egocêntricas, individualistas e prepotentes. A narrativa de *O Retrato de Dorian Gray* muito se assemelha ao famoso mito de Narciso, pois tanto a personagem Dorian quanto Narciso, ao se depararem com sua própria imagem, apaixonam-se e passam a ter essa contemplação da imagem como algo essencial à vida.

A personagem Dorian, depois de ter passado por mudanças extremas, começa a apresentar características narcisistas, ou seja, apaixonam-se por sua imagem. A imagem é bela, por estar totalmente inserida dentro dos padrões estéticos, sendo tal beleza “um conjunto de determinações simbólicas que estão sujeitas a mudanças no tempo, que têm uma historicidade (simbólica)” (SILVA, 1995, p.178), faz com que Dorian comece a passar por transformações. De acordo com Silva (1995, p. 178):

A imagem do outro não é o outro físico ou fisiológico, mas o lugar de inscrição de valores ditados pelo Outro, cujo representante é o próprio espelho, e o eu que está, por assim dizer, no espaço real, também não é mais real, porque sofreu o rebote da imagem, foi dê-s-realizado, por esse rebote.

Pode-se perceber essa ruptura ocorrida em Dorian Gray, a partir do momento em que ele vê sua imagem e transforma-se sua personalidade. Então sua imagem assume controle de tudo - e como já foi dito, o aprisiona, tornando-se real e mais do que simbólica, devido ao valor atribuído a ela.

O caso de Dorian Gray ilustra bem esse elusivo jogo entre real e virtual: à primeira vista, tem-se aí um caso de morte da imagem; houve porém um pacto inicial, cuja principal consequência é não se saber mais quem é imagem de quem; está-se em pleno jogo de

reflexão em que o que é imagem aparece como real e o supostamente real aparece como imagem (SILVA, 1995, p. 178).

Des Esseintes possui características narcisistas pelo fato de ele estar sempre se auto protegendo, fugindo da realidade ao seu redor, dando ênfase e importância às paixões – seja pela arte, cultura, livros – que possam suscitar seu espírito artístico. Seu isolamento não remete somente a uma fuga, mas demonstra que a personagem Des Esseintes pensava somente no seu bem-estar, fazendo o que estava ao seu alcance para encontrar prazer.

O real em Des Esseintes é que ele não vê nada de prazeroso em si mesmo. Ao deparar-se com o tédio, Des Esseintes transforma-se e percebe que a reclusão e a busca pelo artificial é a solução. Ao passar a contemplar as coisas que lhe oportunizam momentos prazerosos e momentos reflexivos, ele começa a ter expectativa. Da mesma maneira que Dorian encontra prazer em sua imagem, Des Esseintes encontra prazer por intermédio de um estado de contemplação ocasionado por algo ou alguém, de uma condição, ou, ainda, por intermédio do luxo que o cerca.

3.3 Decadência: da reclusão ao aprisionamento

O autor Oscar Wilde viveu em um período de muitas mudanças e uma delas, como aponta Ruffini (2015, p. 45) foi “[...] a crescente tendência ao individualismo, à vida privada”, e isso muito afetou sua criação literária, no âmbito de sua personagem Dorian, pois o jovem tem forte inclinação à vida privada e, da mesma maneira, sua beleza transfigurada em um retrato passa a ser privada e secreta, sendo esse, um tipo de aprisionamento de sua alma. O retrato é um aparato, que representa riqueza, luxo, e, além disso, um meio para que a personagem Dorian passe por transformações, uma delas o aprisionamento de sua alma, refletindo tudo o que Dorian é.

Des Esseintes tem a busca pela beleza, pela arte, pelas obras e fica tão entediado a ponto de encontrar alento na solidão. A reclusão vista na personagem Des Esseintes é o aprisionamento, pois, Des Esseintes tem um forte desejo de isolamento e fuga do tédio. Para ele, estar recluso deixa o espírito artístico. A personagem não via apenas o "presente" e a "inspiração" como suficientes para ser um bom escritor ou pintor, para ele havia um fator primordial, o conhecimento. Esse

aprisionamento faz com que a nevrose e o desejo de isolamento de Des Esseintes desencadeiem várias alucinações e percepções sobre arte, criação poética, amor e tudo o que chama a atenção para o prazer; assim como Dorian, que com características da burguesia da época, tinha "[...] uma obsessão com as aquisições materiais, a falta de ideais mais elevados e a incompetência amorosa" (MARIANI, 2008, p.2).

3.4 Obsessão e a fuga do tédio

A busca pelo prazer e a fuga do tédio, retratados nas obras, são advindas das teorias de Walter Pater, que foi um exímio representante das estéticas decadentistas e esteticistas. Pater foi um grande influenciador das obras de Wilde e Huysmans, pois, defendia a busca pelo prazer, e também afirmava que os momentos deviam ser aproveitados sem preocupação com a ética ou a moral. Pater foi o mentor do hedonismo, que é a busca excessiva pelo prazer. Nas obras ora analisadas, são perceptíveis várias situações as quais revelam forte obsessão pelo prazer e pela beleza. Dorian adquire um caráter obsessivo por intermédio de seu conselheiro e amigo "Harry" (Lorde Henry), como já citado, Lorde Henry é o maior influenciador de Dorian, instigando o jovem a tornar-se fútil e hedonista. Dessa forma, o caráter obsessivo de Lorde Henry passa a ser visto em Dorian Gray, pois Dorian apropria-se de seus ensinamentos e os toma como ideologia para a vida, como é possível vermos na obra:

A curiosidade acerca da vida que Lord Henry havia pela primeira vez lhe despertado, quando estiveram sentados no jardim do amigo, parecia ser cada vez mais gratificante. Quanto mais sabia, mais desejava saber. Tinha apetites loucos que se tornavam ávidos à medida que os alimentava. (WILDE, 2012, p. 151).

À medida que Dorian vai se tornando um homem de personalidade sombria e má, a obsessão pela beleza aumenta cada vez mais, seus impulsos ficam notórios e a falta de ideais também fica aparente. O mesmo ocorre em Des Esseintes, que passa a sentir-se cada vez mais insatisfeito:

Seu tédio passou a não conhecer limites; fora-se a alegria de possuir mirabolantes florações; já estava farto de sua contextura e de seus matizes; pois, malgrado os cuidados de que as cercou, a maior parte das plantas pereceu; fê-las retirar de seus aposentos e, chegando a um estado de

extrema excitabilidade, irritou-se por não vê-las mais, o olho ofendido pelo vazio dos lugares que antes ocupavam. (HUYSMANS, 2011, p. 166).

A insatisfação começa a tomar proporções cada vez maiores, o que fora suficiente, não os satisfaz mais, pois cada vez mais as personagens adquirem um caráter meticuloso. O desejo pela reclusão marcado nas personagens não é a única forma de fuga; a obsessão em fugir de uma moral burguesa leva-os também à transcendência, à indiferença com ideais já estabelecidos e à contemplação cada vez mais apurada do belo, de maneira que cada vez mais há a necessidade de contemplação, ou seja, as personagens passam a não estar satisfeitas, com os limites impostos e, até mesmo, com as paixões que surgem em meio às narrativas.

3.5 Dorian e Des Esseintes em suas relações com as mulheres e a homossexualidade

Dentre tantas semelhanças entre as referidas personagens decadentistas, há também os relacionamentos mal sucedidos com as mulheres. Des Esseintes teve um relacionamento com Senhorita Urânia, uma americana que trabalhava como acrobata no circo. Porém, o que ele sentia por ela era complicado para ele definir. Nessa relação, aos poucos, Des Esseintes demonstrou o outro lado de sua sexualidade. Ele sentia-se atraído por Miss Urânia, ao ver características masculinas nela, conforme o seguinte excerto:

Pouco a pouco, ao mesmo tempo que a observava, singulares concepções lhe ocorreram; à medida que admirava a sua agilidade e força, via produzir-se nela uma artificial mudança de sexo; suas momicas graciosas, seus dengues de fêmea iam se apagando mais e mais, enquanto se desenvolviam, no lugar deles, os encantos ágeis e vigorosos de um macho; numa palavra, após ter sido, a princípio, mulher, e em seguida, após ter hesitado, após ter se avizinado do andrógino, ela parecia resolver-se, precisar-se, tornar-se completamente homem. (HUYSMANS, 2011, p.169).

Des Esseintes não teve êxito em seu namoro com Miss Urânia, pois desejava assumir o papel feminino, enquanto que Miss Urânia devia aceitar cumprir o papel de uma figura totalmente masculina na relação. O duque, como um dândi que se preze, apesar de obter a vaidade feminina, tem horror à figura da mulher. E, como já discutido, os dândis veem a mulher como o seu oposto:

Contudo, tão logo pôde satisfazer seus desejos, desapontou-se além do possível. Imaginara a americana estúpida e bestial como um lutador de

feira, e todavia sua bestialidade era infelizmente feminina. Faltavam-lhe, decerto, educação e tato, ela não tinha nem bom-senso nem espírito, e testemunhava um ardor animal na mesa, mas todos os sentimentos infantis da mulher subsistiam nela; possuía a tagarelice e o coquetismo das raparigas afeiçoadas às banalidades; não existia em seu corpo de mulher a transmutação das ideias masculinas. (HUYSMANS, 2011, p. 170).

Através desse desapontamento que Des Esseintes teve, em sua relação com uma mulher, pode-se supor que a personagem pudesse ter desejos homoafetivos, tal como notamos no fragmento:

Esquadrinhando mais bem o vazio de suas cobiças, talvez tivesse ele percebido uma inclinação para um ser delicado e franzino, um temperamento absolutamente contrário ao seu próprio, mas então teria descoberto uma preferência não por uma rapariga, mas por um alegre zé-ninguém, por um patusco e magro palhaço. (HUYSMANS, 2011, p.171).

Dorian, na obra de Wilde, também teve um namoro com o qual não obteve sucesso, pois, influenciado por seus amigos, abandonou a mulher por quem era apaixonado, Sibyl Vane. Em decorrência desse término, Dorian pareceu se importar e sentir a perda, mas, ao ouvir seu amigo Lorde Henry, deixou de demonstrar sua tristeza.

Ao aconselhar Dorian, Henry mostra sua visão deturpada em relação às mulheres, como é perceptível a seguir:

A sua vida valia tanto quanto a de Sibyl. Se ele a magoara, ela também não o tinha poupado. De resto, as mulheres se adaptam, mais do que os homens, ao sofrimento. Vivem das suas emoções, não pensam senão nas suas emoções. Querem os namorados só para ter com quem fazer cenas [...] Para que havia de se preocupar com Sibyl Vane? Ela já não existia para ele. (WILDE, 2004, p.83).

Além disso, em vários trechos da obra, o jovem Gray demonstra que sua relação com Lorde Henry é mais do que apenas uma amizade, da mesma maneira que se torna perceptível que a personagem de Basil sente algo muito mais do que só admiração por Dorian. Como o próprio Basil descreve-o para Henry:

Mas Dorian Gray é para mim muito mais do que um modelo vivo. Não lhe direi que estou descontente com o que fiz dele, nem que a beleza desse jovem seja das que a arte não possa expressar. Não há nada o que a arte não possa exprimir; e eu sei que o trabalho que tenho realizado desde que encontrei Dorian Gray é boa obra, a obra melhor da minha vida. Mas de certo modo estranho (será que você me entende?) a personalidade desse moço sugeriu-me uma maneira artística inteiramente original, uma nova modalidade de estilo. Vejo as coisas de outra maneira. Posso agora criar de novo a vida, sob um aspecto que antes me ficava oculto. “Um sonho de

forma, em dias de meditação...” Quem foi que disse isso? Não lembro. É, porém, o que Dorian Gray tem sido para mim. (WILDE, 2004, p. 22).

Ao longo da obra, o pintor demonstra seus sentimentos e seu afeto por Dorian, sugerindo, algumas vezes, que esse sentimento não se tratava apenas de um apreço em nome da arte, e sim, um sentimento amoroso. Do mesmo modo, nota-se que Dorian enxerga em Henry muito mais do que somente um amigo. Henry foi seu mentor e seu grande companheiro. Todavia, o romance não deixa explícito se há realmente uma relação homoafetiva entre eles.

Percebe-se, em Dorian e Des Esseintes, dois dândis que, apesar de terem tentado se relacionar com mulheres, não obtiveram sucesso. Todas as suas outras relações foram com meretrizes, relações casuais, quando suas essências já haviam sido corrompidas pelo hedonismo e também pelo narcisismo, revelando, em tal momento, que a beleza e a vaidade estavam acima de qualquer coisa, até mesmo da paixão por uma mulher.

3.6 Má conduta social e moral de Dorian e Des Esseintes

As personagens aqui retratadas vivenciaram diversas mudanças, ao longo dos romances em questão, mudanças em suas personalidades, em seus modos de vida, em suas relações pessoais, em sua maneira de ver a arte, em seus comportamentos; e em especial, em ambas as personagens, há a transformação de suas condutas morais e sociais.

Des Esseintes, exausto com a sociedade finissecular em que vivia, estimou pelo isolamento. Não obstante, nem sempre o duque viveu recluso, afinal, quando jovem, estudou em uma escola jesuíta. Contudo, seu sentimento de melancolia em relação à vida fê-lo voltar-se contra a Igreja. Para tanto, uma de suas principais transformações foi sobre sua própria personalidade, visto que sua má conduta moral evidenciou a mudança de sua índole. Des Esseintes perdera sua moralidade ao longo da obra; essa perda aponta com excelência para a decadência da personagem. A título de ilustração, pode-se mencionar a ocasião em que o duque expõe o quanto o seu comportamento moral não lhe importava, mas quando encontra um jovem pelas ruas de Paris e leva-o a uma casa de prostituição com o único intuito de corromper com o caráter do rapaz. A personagem agira de tal

maneira, pois, desejava que a vida de prazeres levasse o menino a uma má conduta que, por sua vez, refletisse na sociedade, a qual Des Esseintes odiava:

[...] A verdade é que cuido simplesmente de preparar um assassino. Acompanha meu raciocínio. Esse rapaz é virgem e chega à idade em que o sangue ferve; poderia correr atrás das meninas do bairro, manter-se honesto, contentando-se em desfrutar, em suma, o seu pequeno quinhão da monótona felicidade reservada aos pobres. Ao contrário ao trazê-lo aqui, a um luxo de que ele nem se quer suspeitava e que se gravará forçosamente na sua memória; com oferecer-lhe, a cada quinze dias, uma pândega destas, farei com que se habitue a prazeres que os meios de que dispõe o proibem. (HUYSMANS, 2011, p. 137).

O melancólico protagonista, ao assumir seus planos de corromper o jovem e criar um assassino, deixa explícita sua perversidade e sua falta de moral perante a sociedade. Essa amoralidade é perceptível nas palavras da personagem, quando diz: “então, terei atingido o meu propósito e contribuído, na medida dos meus recursos, para criar um malandro, um inimigo a mais desta odiosa sociedade que nos espolia” (HUYSMANS, 2011, p. 138). Essa conduta decadente e amoral está presente não somente em *Des Esseintes*, mas pode também ser verificada em *O retrato de Dorian Gray*; o herói ou o anti-herói da obra efetivou sua má conduta, de forma ultrajante, pois Dorian executou um crime com suas próprias mãos.

O romance de Wilde apresenta a imoralidade de forma mais notória, o que, com certeza, contribuiu para que sua obra escandalizasse a sociedade do fim do século XIX, na qual, o discurso do puritanismo e dos bons costumes predominavam. De fato, o dândi não era um jovem de má índole, e sim o oposto, era simples e inocente, contudo como salientado ao longo da presente pesquisa, Dorian teve sua essência corrompida por um Lorde provido de ideias decadentes e sombrias. Dorian foi tão influenciado pelas ideias decadentistas e esteticistas, que não aceitou o fato de que, ao envelhecer, perderia sua aparência deslumbrante. Chegou ao extremo e, em troca da beleza eterna, concedeu a própria alma, o que comprova que já não era mais o mesmo, seu caráter havia sido abalado.

Já quase ao final do romance, Dorian chega ao ápice de sua imoralidade e executa o homicídio de seu amigo e protetor, Basil Hallward. Como pode-se ver nos seguintes trechos da obra,

Dorian Gray olhou para o quadro e, repentinamente, um sentimento incontrolável de ódio por Basil Hallward se apoderou dele. As insanas paixões de um animal perseguido levantaram-se dentro dele e ele amaldiçoou o homem que estava sentado à mesa mais do que já

amaldiçoara qualquer coisa em sua vida. Ele olhava ao redor descontroladamente. Algo brilhou acima do peito pintado que os encarava. Seus olhos caíram sobre isso. Ele sabia o que era.
 [...] Ele correu até Hallward e enterrou a faca na grande veia atrás de sua orelha, esmagando a cabeça do homem contra a mesa e o esfaqueando repetidas vezes. (WILDE, 2012, p. 104).

Gray tornou-se um homem de índole maligna, tanto que não hesitou em matar o seu próprio amigo. Posteriormente, buscou ajuda para ocultar o corpo de Basil, sem demonstrar nenhum arrependimento. Basil jamais imaginara que o rapaz que outrora conhecera fosse capaz de tamanha perversidade. Ademais, sua má conduta não parou no assassinato de seu amigo, Dorian faz com que um antigo conhecido cometa suicídio, após fazê-lo participar de seu crime contra o pintor. Até que o seu fim foi atentar contra sua própria vida, depois de perceber em quem havia se tornado.

Por certo, constata-se que a imoralidade interveio na personalidade das personagens, gerando a má conduta e o comportamento agressivo em ambas. Não há dúvida que, dentre tantas similaridades e pontos de contatos, Dorian Gray e Des Esseintes partilhavam deste mal que era a corrupção da alma, seja como influenciador, como foi Des Esseintes, seja como influenciado no caso de Dorian.

3.7 A atmosfera gótica e o luxo

Não é apenas no caráter e na personalidade em que podem ser encontrados aspectos decadentes e estéticos. Os ambientes luxuosos, e ao mesmo tempo carregados de feitiços góticos, contribuem para que as similaridades entre as personagens elencadas se tornem mais evidentes.

Para poder idealizar e imaginar com mais precisão os desejos e contemplações presentes em Dorian e Des Esseintes, Wilde e Huysmans constroem uma atmosfera em que as personagens vivem rodeadas de aspectos góticos. Esses aspectos causadores de um clima nebuloso que é cenário para as situações enigmáticas que acontecem com Dorian e Des Esseintes.

Oscar Wilde não se preocupa em poupar detalhes, pois neles estão contidas as riquezas necessárias para o desenvolvimento da obra, por isso há tantas descrições de objetos que aludem a luxo e beleza, como nos é narrado:

Em seguida se levantou da mesa, acendeu um cigarro e se atirou sobre um sofá de estofamento luxuoso que ficava de frente para o biombo. O biombo era velho, de couro espanhol dourado, estampado e ornamentado com um desenho de Luís XIV florido. (WILDE, 2012, p. 113).

Na leitura das descrições desses ambientes, percebe-se que, sem tamanha minuciosidade presente, não haveria uma contundência na vaidade inerente a Dorian vinculada ao seu hedonismo. De maneira análoga, Huysmans desenvolve sua obra de forma minuciosa, valorizando cada pormenor contido no ambiente em que Des Esseintes está presente:

O fiacre se deteve diante da taverna; Des Esseintes apeou-se outra vez e entrou numa longa sala, sem douraduras, sombria, dividida por tabiques à meia altura numa série de compartimentos semelhantes aos boxes de uma estrebaria. Nessa sala, alargada perto da porta, bombas de chope se erguiam sobre o balcão, junto de presuntos tão escurecidos quanto velhos violoncelos, de lagostas pintadas a zarcão, de cavalas a escabeche, com rodela de cebola e de cenoura crua, fatias de limão, raminhos de louro e de tomilho, bagas de zimbro e pimentas graúdas nadando num molho turvo. (HUYSMANS, 2011, p. 200).

Huysmans exprime toda descrição, a fim de evidenciar o quão detalhista é a personagem, de tal forma que, ao se deparar com os ambientes, não apenas os observa, mas, contempla as situações, sejam elas as mais habituais vivenciadas pela personagem, como é o caso da seguinte cena: “enquanto lhe preparavam a mesa, Des Esseintes contemplou os seus vizinhos” (HUYSMANS, 2011, p. 201). A melancolia dos ambientes góticos que acompanham Des Esseintes suscita pensamentos, lembranças e desilusões, da mesma maneira que Wilde evidencia por meio de sua personagem Dorian.

A vida luxuosa não fica em segundo plano; ainda que Dorian ou Des Esseintes estejam em meio à turbulência de pensamentos e em conflitos – e, no caso de Des Esseintes, sofrendo de nevrose – nada os impede de contemplar a vida luxuosa que levam. Cada objeto tem seu valor, seja material ou não. Des Esseintes, em meio à contemplação de seus livros, depara-se com uma nova satisfação, de maneira que “sob o impulso desses sentimentos, tais objetos lhe pareceram novos, pois neles percebeu belezas esquecidas desde a época em que os havia adquirido” (HUYSMANS, 2011, p. 206). E, a partir de uma leve satisfação, tudo começa a ter sentido:

Tudo, volumes, bibelôs, móveis, assumiu aos seus olhos um fascínio peculiar; o leito lhe pareceu mais macio comparativamente ao catre que teria ocupado

em Londres; o serviço discreto e silencioso dos seus criados o encantou, fatigado que estava à ideia da loquacidade barulhenta dos garçons de hotel; a organização metódica da sua vida teve condão de parecer-lhe mais invejável a partir do momento em que o acaso das peregrinações se tornava possível. (HUYSMANS, 2011, p. 206).

Ou seja, os ambientes retratados, junto aos objetos, produzem sensações e experiências que revelam o narcisismo e o desdém diante do natural, e apontam para a ambição presente no aspecto psicológico das personagens em comparação.

3.8 O artificialismo e a recusa ao natural

Os protagonistas em tela como exímios decadentes são apreciadores do artificialismo. Dorian e Des Esseintes visam ao artificial como um modo de fuga da realidade, recusando a tudo o que se relaciona à natureza. Esta visão de superioridade do artificial sob o natural, que Wilde e Huysmans evidenciam em suas obras, vem de influências do Decadentismo de Baudelaire. “Para Baudelaire era a natureza que levava os seres humanos a se matarem e se brutalizarem” (HUYSMANS, 2011, p. 55).

Des Esseintes, a título de exemplo, em seu período de isolamento em Fontenay, constrói um novo mundo, um mundo apenas seu, onde imperava a arte do artifício, no qual até a flor natural devia aparentar uma flor artificial, ou seja, falsa. Pois, o duque não se sentia satisfeito com as flores artificiais, em razão de parecerem naturais, preferiu então plantas naturais, mas que simulassem plantas artificiais. Nota-se nos seguintes excertos que o protagonista da obra rejeita a tudo que aparentar ser natural:

No começo de *As avessas*, Des Esseintes manifesta sua preferência pelo artificial sobre o natural, uma das atitudes definidoras do decadentismo. “A natureza [...] já teve sua vez”, conjectura, procurando a cópia ou a coisa produzida por meios mecânicos não como um sucedâneo do natural, mas de preferência a ele. (HUYSMANS, 2011, p.55).

É o que se pode notar também na seguinte passagem:

Não há mais o que dizer, murmurou consigo Des Esseintes, resumindo suas reflexões; o homem pode, em poucos anos, levar a cabo uma seleção que a natureza preguiçosa só poderia produzir ao fim de séculos; decididamente, nos tempos que correm, os horticultores são os únicos e verdadeiros artistas. (HUYSMANS, 2011, p.160).

Huysmans, por meio de Des Esseintes, deixa explícita a valorização do artificial e a sua recusa a tudo que vem da natureza. Como já destacado neste trabalho, os ambientes decorados de forma rebuscada, os quais são retratados em *Às avessas* demonstram o quanto o duque buscava o máximo artificialismo, visto que para ele o artificial era a própria representação do belo.

De outro modo, a personagem Dorian passa a cultivar o artificial através de seu mentor, Lorde Henry, que afirmava: “[...] ser natural é simplesmente uma pose e a mais irritante pose que eu conheço” (WILDE, 2012, p.17). O jovem Gray assevera sua preferência ao artificial, a partir do momento que não aceita mais que a natureza aja sobre sua aparência. Ele despreza o que lhe é congênito, concedendo a sua própria alma em troca da artificialidade de ser eternamente jovem e belo. Ao final da obra, Gray percebe o mal que a perfeição lhe causara:

Então abominou a sua própria beleza e, arremessando ao chão o espelho, esmagou-o sob o tacão em estilhaços de prata. Foi a sua beleza que o arruinara, a sua beleza e a juventude pela qual suplicara. Sem essas duas coisas, a sua vida teria sido imaculada. A sua beleza não fora senão um disfarce, a sua juventude um simulacro. O que era a juventude, na melhor das hipóteses? Um tempo de inexperiência e imaturidade, de fúteis caprichos e pensamentos mórbidos. Por que vestira ele as suas roupagens? A juventude causara a sua corrupção. (WILDE, 2000, 147).

Nesse sentido, nota-se que Lorde Henry transformou a essência de Dorian, transfigurando-o em um objeto, o qual ele poderia moldar da maneira que achasse melhor, assim como um artista faz com a sua arte, Henry faz com o jovem, manipula-o e transforma-o em uma peça artificial, consumido pela obsessão pela beleza do artifício, pela elegância de sua juventude e sua vida de extravagâncias.

As personagens enfatizadas no presente trabalho denotam a apreciação a tudo o que não é natural, seja por influências ou por seu próprio interesse, tornando suas vidas uma espécie de simulacro, onde o artifício é o sinônimo do belo e do encantador, deveras como a vida de todo dândi. Des Esseintes procura em todos os objetos ao seu redor a artificialidade, Dorian, no entanto, converte seu próprio ser em algo artificial.

Apesar das similaridades ressaltadas em nosso estudo, também há algumas divergências entre as obras e suas personagens. Por exemplo, o protagonista Des Esseintes, durante a obra, expressa seu tédio em relação à sociedade, manifestando seu estado de exaustão da vida, negando toda a moralidade da sociedade em que vive. No entanto, o protagonista Dorian, é uma personagem que

foi corrompida por seus influenciadores, pois, era um jovem inocente que apenas tinha consigo a beleza de sua juventude, não era um menino rodeado pelo tédio e pela melancolia até ser manipulado. Notamos algumas diferenças entre as personagens pelo fato de que Des Esseintes é um completo influenciador, já Dorian tem o papel de influenciado. E vemos essa influência no decorrer do enredo da obra de Wilde, visto que, como já fora analisado anteriormente, tanto Wilde, quanto sua personagem Dorian Gray, apropriam-se de muitos aspectos e, dessa maneira, Oscar Wilde e Dorian Gray acabam sendo os receptores e Huysmans e sua personagem Des Esseintes os emissores.

A obra de Wilde diferentemente do romance de Huysmans contém um enredo cheio de ação, é linear e com vários personagens. Entretanto, *Às Avessas* faz inúmeras referências a obras de arte, focando essencialmente na estética, com uma linguagem muito mais rebuscada. Não há dúvidas que entre as obras haja pontos de divergências, porém, em nossa pesquisa, focamos nas semelhanças, as quais são o objetivo de nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim da pesquisa apresentada, foi possível verificar que os autores elencados neste trabalho, Oscar Wilde e J.K- Huysmans aderiram as estéticas decadentistas e esteticistas como forma de expressar o sentimento de decadência e de insegurança em relação às mudanças que estavam ocorrendo com o fim do século XIX, bem como para opor-se às ideologias da burguesia. Os autores que aqui foram analisados acreditavam que a arte deveria ser feita em razão de si própria, e então iniciaram, através das novas estéticas, uma revolução simbólica contra os ideais da arte burguesa, desse modo, romperam com as estéticas naturalistas e realistas, buscando contemplar a beleza apenas do artificial.

Após analisadas as obras e as personagens, foi possível constatar que Wilde e Huysmans inseriram em seus protagonistas, características singulares decadentistas e esteticistas, como: o hedonismo, o dandismo, o culto ao artificialismo, o narcisismo e a melancolia. Também, vale destacar a importância dada à arte, ou seja, a arte é tudo em si mesma, e isso está presente em aspectos das personagens Dorian e Des Esseintes.

Com as análises feitas no presente trabalho, obteve-se uma compreensão e um entendimento de ambas as obras e as personagens em comparação, tanto no âmbito de suas personalidades, quanto no desenvolvimento das narrativas em questão. Por meio da análise dos enredos, percebe-se que os autores manifestam, em suas obras, o reflexo de seus próprios contextos de vida, pois, Dorian carrega consigo muitas características de Wilde, como por exemplo, a elegância e a paixão pela beleza; enquanto Des Esseintes contém a ânsia pelo isolamento, pela solidão, da mesma forma que Huysmans ao término de sua vida.

No primeiro capítulo, foi apresentado o contexto de vida dos autores e como as estéticas influenciaram as obras e a constituição das personagens, também foi possível compreender a configuração dessas estéticas.

No segundo capítulo, ao explicar e analisar as definições de literatura comparada e o enredo dos romances, foi explicitada a importância da comparação entre as obras, uma vez que, ao longo das seções do referido capítulo, demonstrou-

se que as obras possuem inúmeras confluências e características significativas para o estudo dos trabalhos decadentistas.

No terceiro capítulo, foi possível constatar as similaridades que ambas as personagens têm entre si por meio dos espaços internos das narrativas, pela questão da homossexualidade sugerida, através da busca incessante pelo belo, mediante a conduta social e moral, por meio da transcendência da arte e dos valores esteticistas e decadentistas, entre outros pontos de contatos.

Não é em vão que ao concluir presente análise das obras nota-se as abundantes semelhanças entre as obras, de forma que são perceptíveis inúmeras referências de Des Esseintes em Dorian Gray, quiçá, o duque tenha sido para o jovem Gray um conselheiro, um mentor que através de um livro, modificou a vida de Dorian de uma maneira jamais vista, como se a própria alma de Des Esseintes estivesse refletida em Dorian Gray.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Claudio. **John Ruskin e o desenho no Brasil**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Amaral_tese%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Amaral_tese%20(1).pdf). Acessado em: 26/09/2017.

AMARAL, Luiz Antonio. **J.-K Huysmans**: expressão do decadentismo francês. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BAUDELAIRE, Charles.; BALZAC, Honoré de.;D' AURVILLY, Barbey. **Manual do dândi: a vida com estilo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

BRUNEL, Pierre, PICHOS, Claude, ROUSSEAU, André-Michel. **Que é literatura comparada?**; tradução Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1990.

CARVALHAL, Tânia Franco, **Literatura comparada**. 4ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 1943 /2006.

CARVALHAL, Tânia Franco et al. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**.v. 1- 1991, Niterói, 1991

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira, **Quadros literários fin-de-siècle**: um estudo de Às avessas, de Joris-Karl Huysmans. Rio de Janeiro: 7Letras,2005.

CEIA, C. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6487/spleen/>. Acessos em: 14 de novembro de 2017.

HUYSMANS, Joris-Karl. **Às avessas**. São Paulo: Penguin, 2011.

JUNIOR, Jacob IsaaccBirer. **Estudo Comparativo entre os romances ÀS AVESSAS, de Huysmans, e O RETRATO DE DORIAN GRAY, de Oscar Wilde** Monografia; (Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização Em Estudos Literários) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/ii/completos/mesas/13/jacobisaaccbirerjr.pdf> Acessado em: 16/10/2017.

KALINA, Eduardo, KOVADLOFF, Santiago. **O dualismo sobre o retrato de Dorian Gray**; tradução Oswaldo Amaral. – Rio de Janeiro, 1989.

MARIANI, Sérgio Luis Soares. **Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen**. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acessado em: 18/10/2017.

MCGUINNESS, Patrick. **Introdução e notas**. In: HUYSMANS, Joris-Karl. *Às avessas*. São Paulo: Penguin, 2011, p.33-61.

MUCCI, Latuf Isaias. **Walter Horatio Pater e a febre do Esteticismo**. In BOUÇAS, Luiz Edmundo; CORRÊA, Irineu E. Jones (orgs). *O Labirinto finissecular e as ideias do esteta: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004, p.15-30.

MORETTO, Fulvia M. L. **Caminhos do Decadentismo francês**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Leandro. *Às Avessas e a crítica de arte de J.-K Huysmans*. **Palimpsesto**. Rio de Janeiro, n.18, v.13, 2014, p. 171-182.

PIRES, Eliane Cristine Raab. **Oscar Wilde: a tragicidade da vida de um escritor**. Edição: Instituto Politécnico de Bragança, 2005. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/963/1/77%20-%20Oscar%20Wilde.pdf>. Acessado em: 15/10/2017.

RODRIGUES, Kelen Cristina. **Cenografia, Ethos e Autoria: uma abordagem discursiva do romance “The Picture of Dorian Gray”**. Diss. Mestrado Universidade Federal de Uberlândia. 2009

RUFFINI, Mirian. **A tradução da obra de Oscar Wilde para o português brasileiro: paratexto e *O retrato de Dorian Gray***. 238f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2015.

SCHIFFER, Daniel S. **Oscar Wilde**. Trad. Joana Canêdo. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

SILVA, Ignácio Assis. **Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, Primas.

TAVARES, Enéias Farias. **Esteticismo e Decadentismo nos dândis de Wilde e Huysmans: retratos de Des Esseintes e Dorian Gray**. In *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 38, n. 1, p. 79-91, Jan-Mar, 2016. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/25407/pdf_122. Acessado em: 18/10/2017.

VIEIRA, Glaucia Benedita. **A recepção crítica de J.-K. Huysmans em periódicos no Brasil (1884-2013)**/Glaucia Benedita Vieira. - Assis, 2016. 259.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray – The Picture of Dorian Gray**. Trad. Marcella Furtado. São Paulo, Editora Landmark, 2012.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Trad. Maria de Lurdes Sousa Ruivo. Abril Controljornal, 2000.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Penguin, 2012.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Trad. Pietro Nasseti. Editora Martin Claret. São Paulo, 2004.